

Minicursos XX Encontro Anpof

A banalidade do mal	1
A 'Morte de Deus', Multiculturalismo e Religião na Pós-Modernidade: reflexões a partir de Nietzsche e Habermas	1
As políticas neoliberais e a expansão do ensino superior no Brasil	4
Dois kantianos pós-hegelianos: Eric Weil e Jürgen Habermas	5
Eco-fenomenologia, Eco-hermenêutica e Eco-desconstrução: um panorama introdutório	7
Epistemologias Engorduradas: introdução aos Estudos das corporalidades gordas	7
Feminismos Decoloniais e Comunitários: resistência anticapitalista ao extrativismo neocolonial	8
Filosofia e prática do Taijiquan (Tai Chi Chuan)	11
Filosofia, perversão e psicanálise	11
Gilles Deleuze e a pintura de Francis Bacon	13
Hipárquia de Maroneia: da adoção do modo de viver cínico ao uso provocativo de silogismos	14
Introdução à vida e à obra de Marco Aurélio	15
Lacan entre a filosofia e a antifilosofia	15
L'homme sans moi. Essai sur l'identité	16
O comentário de Proclo ao primeiro livro dos Elementos de Euclides e sua influência na Idade Moderna	16
O galo da madrugada desafia a coruja de Minerva: a Filosofia da Libertação Latino-Americana e a superação do eurocentrismo	18
O 'fim do fim' da filosofia em Alain Badiou	18
Ontologia e economia política: Marx leitor de Hegel	20
Opressões de raça, gênero e classe	20
Por um Filosofia Não-Violenta: da epistemologia à sala de aula	24
Pragmatismo Americano	25
Realismo Espectral: Pensar a Imortalidade Hoje	26

serumanar	26
Simbolismo Judicial e Ideia de Justiça	27
Sobre a metafísica, ética e epistemologia dos vieses implícitos	28
Subjetividade ética - Um outro lugar para a ontologia em Levinas	30
The Future of Human Enhancement	30
Uma leitura do Hípias Menor como modelo de como ler um diálogo platônico	31
Vinte anos da Lei 10.639/03, a desobediência epistêmica como desafio para o Ensino de Filosofia: Quem pode pensar? Quem pode falar? Quem pode existir?	33

A banalidade do mal

Com Adriano Correia/GT Filosofia Política Contemporânea

Duração: 4 horas

Dias e horários: 1 e 2/10; 9h às 11h

Local: Unicap

Minibio: Primeiro coordenador do GT proponente, é professor titular de ética e filosofia política da UFG e professor permanente do PPGFIL da mesma universidade. Foi presidente da Anpof por duas gestões e é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

Ementa: Será reconstruído brevemente o contexto de surgimento do conceito de banalidade do mal, com foco na controvérsia em torno do livro "Eichmann em Jerusalém", de Hannah Arendt, e na caracterização de Adolf Eichmann feita por ela. O objetivo principal consiste em situar o conceito de banalidade do mal na história da filosofia moral a partir da análise do caráter aporético das noções de obediência e de dever e do diálogo de Hannah Arendt com a obra de Kant. Será defendida a hipótese de que o núcleo da noção de banalidade do mal é a identificação de um mal sem raízes, como um fenômeno de superfície.

A 'Morte de Deus', Multiculturalismo e Religião na Pós-Modernidade: reflexões a partir de Nietzsche e Habermas

Com Sebastião Hugo Brandão Lima e Francisco Pereira de Sousa/GT Ética e Cidadania

Duração: 3 horas

Dia e horário: 3/10, 14h às 17h

Local: Unicap

Minibio: Doutor e Coordenador de programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião no IFAL; Doutor e Pós-doutor em Filosofia Política e Jurídica, Geopolítica e Geoeconomia. Prof. Titular da Licenciatura e Mestrado de Filosofia na UFAL.

Ementa: Ementa do Curso:

Objetivo:

Analisar as relações entre religião, fé e sociedade na pós-modernidade, considerando a "morte de Deus", o multiculturalismo e as perspectivas de Nietzsche e Habermas.

Conteúdo:

1. Contexto Histórico:

A religião na era pré-moderna e moderna

A "morte de Deus" e a crítica nietzschiana

Racionalização, secularização e pluralismo religioso

2. A Pós-Modernidade:

Características da sociedade pós-moderna

Multiculturalismo e o desafio da convivência com diferentes crenças

O papel da religião em um mundo plural

3. Perspectivas Filosóficas:

A crítica de Nietzsche à religião e à moral tradicional

A visão de Habermas sobre o diálogo inter-religioso e a esfera pública

4. Debate:

Teremos discussão sobre os temas abordados no curso com troca de experiências e diferentes perspectivas, sendo um debate orientado pela temática do curso em questão e aprofundando os temas discutidos nas exposições dos professores que ministraram as aulas do curso. As aulas expositivas trataram em levantar problemas filosóficos que agucem e provoquem o debate filosófico.

Metodologia:

Aula expositiva com recursos audiovisuais, nas quais exploraremos os complexos intercâmbios entre a transformação da religião na Modernidade e sua ressignificação

na pós-modernidade, tendo como base as reflexões de Friedrich Nietzsche e Jürgen Habermas.

A partir do estudo das mudanças sociais e culturais que marcaram o período moderno, discutiremos como a religião passou de um papel central para uma posição de subsistema social, em meio a uma multiplicidade de esferas independentes. Analisaremos também a crítica de Nietzsche à cultura ocidental, destacando sua famosa sentença "Deus está morto" e suas implicações para o cenário religioso na pós-modernidade. Além disso, examinaremos a abordagem de Habermas sobre a religião na esfera pública, considerando sua defesa da inclusão das perspectivas religiosas no debate democrático multicultural. Será também abordada a ressignificação da ideia de Deus e a manutenção da religiosidade na contemporaneidade, mesmo em um contexto de pluralidade de crença e valores.

Debates em grupo, por fim, a aula promoverá um debate entre os participantes, permitindo a troca de ideias e a reflexão sobre as questões levantadas ao longo da discussão. Os alunos serão encorajados a expressar suas opiniões e a explorar diferentes perspectivas sobre o tema, contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica das relações entre religião, multiculturalismo e pós-modernidade. Contaremos, também, com análise de textos, os quais serão sugeridos leitura prévia e que leremos fragmentos durante o decorrer do curso.

Bibliografia Básica:

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRANDÃO, Hugo. DEUS ESTÁ MORTO?!: A recepção da crítica de Nietzsche à Religião Cristã no cenário religioso pós-moderno. Recife: Fasa, 2015.

HABERMAS, Jürgen; TAYLOR, Charles. Multiculturalismo. Lotte per il riconoscimento. Milano: Feltrinelli, 1998b.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUSA, Francisco Pereira. Multiculturalismo e Religião em tempos de Globalização. Goiânia: Phillos, 2018.

VATTIMO, Gianni. O fim da Modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VATTIMO, Gianni. Depois da cristandade. São Paulo: Record, 2004.

As políticas neoliberais e a expansão do ensino superior no Brasil

Com Priscila Céspedes Cupello/GT Pensamento Contemporâneo

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1 e 3/10; 14h30 às 17h30

Local: Unicap

Minibio: Pesquisadora em Estágio Pós-doutoral com bolsa FAPERJ no PPGLM/UFRJ. Doutora em Filosofia (UFRJ), Mestre em História (FIOCRUZ) e criadora do canal de YouTube Parresiando.

Ementa: Este minicurso tem o objetivo de discutir as o surgimento e a implantação das escolas neoliberais no mundo e os seus impactos no campo educacional, mais especificamente, nas políticas de expansão do Ensino Superior no Brasil.

Na primeira aula discutiremos as leituras de Foucault e Bourdieu sobre o neoliberalismo, a partir das análises contidas no livro "Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal" (2020) de Christian Laval e na segunda aula analisaremos mais especificamente o contexto da expansão do ensino superior no Brasil, focando nas problemáticas em torno da qualidade do ensino EAD, do empresariamento da educação, da precarização do trabalho docente e do endividamento discente.

Leituras principais:

LAVAL, Christian. Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal. Editora elefante, São Paulo, 2020.

LAZZARATO, Maurizio. O governo do homem endividado. N-1 Edições, 2017.

Indicações de leituras:

BOURDIEU, Pierre. Contrafogos. Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

BROWN, Wendy. Cidadania sacrificial, neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Trad. Juliane Bianchi Leão. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Anatomia do novo neoliberalismo. Revista IHU online. In: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigo-de-pierre-dardot-e-christian-laval>

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Comum. Ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. Naissance de la biopolitique. Cours au Collège de France (1978-1979). Paris. Gallimard, 2004.

FOUCAULT, Michel. Sécurité, territoire, population: Cours au Collège de France, 1977-1978. Paris, Gallimard/ Seuil, 2004.

HAYEK, Friedrich A. von. O caminho da servidão. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; Instituto Liberal, 1987.

MAZZUCATO, Mariana. O Estado empreendedor: desmascarando o mito do setor público vs setor privado. São Paulo, Portfolio-Peguin, 2014.

Dois kantianos pós-hegelianos: Eric Weil e Jürgen Habermas

Com Luís Manuel A. V. Bernardo/GT Eric Weil e a compreensão do nosso tempo

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1 e 2/10; 9h às 12h

Local: Unicap

Minibio: Luís Manuel A. V. Bernardo – Professor Catedrático da NOVA FCSH (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da NOVA). Investigador Integrado no Laboratório de Ética e Política do IFILNOVA e Investigador colaborador do CHAM. Coordenador da Secção Autónoma de Educação e Formação Geral; Coordenador do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário.

Licenciado, Mestre e Doutor em Filosofia, com Agregação em Filosofia, na disciplina de Filosofia da Educação. Principais áreas de ensino, investigação e publicação: Filosofia do Conhecimento; Hermenêutica; Filosofia da Cultura e Filosofia da Educação). Interessa-se em particular pelo modo como textos e discursos, da tradição continental, procuram definir o sentido da Modernidade. Publicou vários livros, artigos e traduções sobre os séculos XVIII e XX.

Uma versão detalhada do CV pode ser consultada em <https://www.cienciavita.pt//en/F613-75D8-D798>

Ementa: Jürgen Habermas (1929 -) publica, em 2019, *Auch eine Geschichte der Philosophie*, na qual submete explicitamente o exercício historiográfico à dupla elucidação do devir constitutivo da filosofia para si mesma, essa «relação a si de natureza histórica» e do que cabe considerar a sua tarefa coetânea. Na procura desse movimento histórico que, a seu ver, desembocou na versão contemporânea de um tipo de pensamento, que, para realizar o «projeto inacabado da Modernidade», não pode revitalizar a metafísica, o autor germânico situa a etapa primacial dessa atualidade pós-metafísica em «meados do século XIX, na linhagem direta de Kant e Hegel». Porém, inegável conhecedor da filosofia de Hegel e da transformação que o marxismo opera nessa visão, quando reflete sobre a segunda grande questão, a do papel da filosofia nos nossos dias, retoma um gesto, já praticado em trabalhos muito anteriores, como *O Discurso Filosófico da Modernidade* (1985), que consiste em regressar a Kant para manter o filosofar numa espécie de tensão crítica entre holismo, liberdade racional e esclarecimento. Este retorno envolve o sentido do filosofar e solicita uma alteração significativa da constelação de conceitos, bem como dos jogos de linguagem que melhor os exprimem. Para mais, supõe uma outra escolha, relativa aos dois grandes paradigmas que identifica na história do pensamento: o campo dos que analisam os comportamentos individuais e o dos que tomam por objeto «os sistemas de símbolos e de regras [...], das linguagens, das práticas, das formas de vida e das tradições», sendo claro que é neste segundo que ele próprio opera. Em 1950, Eric Weil (1904 -1977), publicara a sua obra maior, *Lógica da Filosofia*, na qual leva a cabo um processo dialético do mesmo tipo, i.e., um kantismo pós-hegeliano, em nome de uma pergunta com o mesmo alcance, sobre o sentido do sentido, que se compatibiliza com a escolha do campo meta teórico, centrado no triângulo linguagem-discurso-história, e enfrenta as principais aporias da 2.^a Modernidade, enquanto não deixa de evidenciar a difração da racionalidade em 16 tipos discursivos possíveis entrosados com 16 atitudes vividas de modo sensato. Ainda que, nesta obra, predomine o ponto de vista arqueológico sobre o genealógico, e o resultado difira de modo significativo, estas proximidades sugerem o interesse em desenvolver um diálogo cruzado entre ambos, a partir de uma espécie de «horizonte de antecipação», no qual ambos se encontram,

sem se confundirem. Sobretudo, porque também nós acabamos convocados por esse horizonte, levados a questionar o processo do nosso filosofar e os modos como o praticamos, gostaríamos de contribuir, com este minicurso, para promover uma discussão alargada em torno dessa opção filosófica por uma transformação regressiva do legado hegeliano, para poder ser social e politicamente progressista.

Eco-fenomenologia, Eco-hermenêutica e Eco-desconstrução: um panorama introdutório

Com Gustavo Silvano Batista/GT Filosofia Hermenêutica/ Alteridade e desconstrução

Duração: 6 horas

Dias e horários: 3 e 4/10; 9h às 12h

Local: Unicap

Minibio: Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Professor Associado do Departamento de Filosofia da UFPI. Professor Permanente doPPGFIL/ UFPI. Estuda e pesquisa questões espaciais e ambientais na perspectiva da fenomenologia, hermenêutica e desconstrução.

Ementa: A questão ambiental no horizonte da fenomenologia, hermenêutica e desconstrução. Principais encaminhamentos teóricos e práticos acerca de uma ecologia na perspectiva da fenomenologia, hermenêutica e desconstrução. Aproximações e distanciamentos das abordagens fenomenológica, hermenêutica e desconstrutiva. Crise ecológica, mudanças climáticas e retórica. Ecologia e políticas da destruição, interpretação e diferença.

Epistemologias Engorduradas: introdução aos Estudos das corporalidades gordas

Com Maria Luisa Jimenez Jimenez/Filosofia DEF

Duração: 4 horas

Dia e horário: 4/10; 9h às 11h30

Local: Unicap

Minibio: Malu Jimenez é pessoa não binária, filósofa, doutora em Estudos de Cultura Contemporânea, faz pós doutorado em psicossociologia na UFRJ, docente na Pós Graduação da PUC-Minas e UEL, fundadora do Pesquisa Gorda - Grupo de Estudos transdisciplinares das corporalidades gordas no Brasil.

Ementa: O minicurso Epistemologias Engorduradas, propõe de forma introdutória apresentar os estudos transdisciplinares das corporalidades gordas de forma a provocar considerações sobre a gordofobia como estigma estrutural, sistêmico e violento com as pessoas gordas. Como a gordofobia opera, se disfarça e mata pessoas consideradas doentes, patologizadas pelos estudos da "obesidade", contextualizando a construção sociocultural em que a ciência da saúde coloca as corporalidades gordas, na concepção equivocada da binariedade entre saúde e doença, a pré-condição na qual um corpo para ser belo, saudável e feliz tem que estar magro. A gordofobia como discussão decolonial na construção ideológica de corpo, raça e gênero, numa perspectiva em que as epistemologias engorduradas constataam a gordofobia inerente às discussões sobre corpo, classe, sexualidade, raça e gênero. O Artivismo Gorde e o feminismo Gordo como resistências gordas, múltiplas vozes. Corpas gordas construindo e se colocando como obra de arte dissidente, como desobediência e construção de um novo olhar sobre Arte, Pesquisa e Ativismo. A partir da Pesquisa Gorda - Estudos transdisciplinares das corporalidades gordas, rompemos paradigmas e construímos novos entendimentos sobre temas como corpas, doença e saúde, saudável, normal e patológico, "obesidade", estigma, medicalização desses corpos, corpos dissidentes, racismo, homofobia, transfobia, gordofobia, capacitismo, saúde colonizadora, entre outros serão provocados durante o minicurso.

Feminismos Decoloniais e Comunitários: resistência anticapitalista ao extrativismo neocolonial

Com Susana de Castro e Priscila Teixeira de Carvalho/GT de Filosofia e Gênero

Duração: 6 horas

Dias e horários: 02/10 e 3/10; 14h às 17h

Local: Unicap

Minibio: Susana de Castro é professora Titular de filosofia da UFRJ, ex-presidente da Anpor e uma das fundadoras do GT Filosofia e Gênero da Anpof; Priscila Teixeira de Carvalho é doutora em filosofia pela UFRJ, membra do GT filosofia e Gênero e ex-professora visitante de filosofia da UNILA.

Ementa: Abya Yala enfrenta a imposição capitalista, patriarcal e colonial desde as primeiras investidas expropriadoras. Mesmo hoje, a face neocolonialista extrativista vem se tornando difícil de ser confrontada. A lógica desenvolvimentista extrativista faz com que as dimensões econômica, política, ambiental, cultural e existencial convirjam para um caminho de colapso da Terra enquanto usurpa a vida que procura resistir, mas que também contribuem com novos olhares sobre como produzir e como repensar a organização sociopolítica. Originalmente com as mulheres indígenas, somando com vários outros segmentos, que fazem da terra/território e de seus corpos e capacidades de atribuição de sentido um forte movimento de enfrentamento e resistência. Talvez o mais potente na vida social do planeta. Por meio de alianças e troca de aprendizados as latinoamericanas aponta um caminho no qual ferramenta social e analítica se fundem e se potencializam. Este minicurso pretende passear por experiências de alguns desses grupos decoloniais e comunitários que enfrentam capitalismo, patriarcado e modernidade colonial nos dando esperança de um caminho possível para o presente e o futuro com elementos de novas cartografias e Filosofias, desta vez vitais. Corpo-território, conceito central do feminismo comunitário da guatemalteca Lorena Cabnal visa mostrar de que forma a defesa do corpo das mulheres contra a violência patriarcal é uma defesa que deve caminhar lado a lado da defesa do território indígena contra os extrativismos capitalista neoliberais. Para os homens locais os corpos das mulheres devem estar a sua disposição para troca com os colonizadores, assim como o corpo-terra-pachamama deve estar a disposição do Estado e dos latifundiários para a sua privatização e exploração. Contra a violência patriarcal estatal capitalista machista, as mulheres indígenas propõem um resgate dos saberes ancestrais de cura. Uma cura que feita desde uma intencionalidade feminista, passa inclusive pela cura de si mesmo das opressões introjetadas, como racismo e violência de gênero.

O curso será dividido em três partes. Introdução: discussão do texto Gênero e Decolonialidade de María Lugones. 1a parte: o feminismo comunitarista aymará de Julieta Paredes; 2a. Parte; o feminismo comunitarista Xinka de Lorena Cabnal.

Referências:

CABNAL, Lorena, "Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala". In: LAS

SEGOVIAS. Feminismos diversos: el feminismo comunitario [online]. ACSUR, 2010. Disponible em <https://porunavidavivible.files.wordpress.com/2012/09/feminismos-comunitario-lorena-cabnal.pdf>.

CABNAL, Lorena, "Recupero la alegría sin perder la indignación, como un acto emancipatorio y vital" Interview by Florencia Goldsman, Píkara Magazine, 13/11/2019a. Disponible em <https://www.pikaramagazine.com/2019/11/lorena-cabnal-recupero-la-alegria-sin-perder-la-indignacion-como-un-acto-emancipatorio-y-vital/>. Acceso

CABNAL, Lorena, "TZK'AT, Red de Sanadoras Ancestrales del Feminismo Comunitario desde Iximulew-Guatemala," Ecología Política, 01/01/2018. Disponible em <https://www.ecologiapolitica.info/?p=10247>.

CABNAL, Lorena. "El relato de las violencias desde mi territorio cuerpo-tierra" In: LEYVA SOLANO, Xochitl; IZACA, Rosalba. En tiempos de muerte: Cuerpos, Rebeldías, Resistencias. San Cristóbal de las Casas: Cooperativa Editorial Retos, 2019b. 113-126.

CABNAL, Lorena. "Lorena Cabnal: El cuerpo como territorio de defensa" Humus, chapter 2. La Tinta [online]. YouTube video, 03/12/2019c. Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=g0kbzksSakQ>. Acceso 15/03/2020.

CABNAL, Lorena. La sanación como camino cósmico-político. 25/01/2020. Ruda. Interview by Celeste Mayorga. Disponible em <http://ruda.gt/la-sanacion-como-camino-cosmico-politico/>.

CABNAL, Lorena. Lorena Cabnal: sanar de la violencia. 08/10/2019. DW Historias Latinas, YouTube video, 25:49. Interview by Adriana Bernal. Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=U3zVvCafBrs&t=564s>.

CABNAL, Lorena; CICODE UGR. "Ciclo sobre Género y Desarrollo: "Voces Feministas desde el Sur" Ponente: Lorena Cabnal 1/2" [online]. CICODE UGR. YouTube video, 54:14 23/06/2015. Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=vVYrkW04r6g>.

GARGALLO, Francesca. Feminismos desde Abya Yala. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2012.

Lugones, María: "Gênero e Colonialidade"

Paredes, Julieta: Para descolonizar el feminismo

Filosofia e prática do Taijiquan (Tai Chi Chuan)

Com José Benedito de Almeida Júnior/GT Filosofar e Ensinar a Filosofar

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1, 2 e 3/10; 10h às 12h

Local: Unicap

Minibio: Professor do Instituto e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia atuando principalmente em Ensino de Filosofia. Pesquisa a Filosofia Taoísta e sou instrutor de Taijiquan, estilo Yang.

Ementa: História e Filosofia do Taijiquán. Taoísmo: as energias yin e yang. Experiência da prática e dos movimentos do Taijiquan. Experiência dos Qigong (exercícios terapêuticos)

Filosofia, perversão e psicanálise

Com Maria Cristina de Távora Sparano; Marcos Antônio da Silva Santos Ferreira /GT Filosofia e Psicanálise

Duração: 4h30

Dias e horários: 1, 2 e 3/10; 8h às 9h30

Local: Unicap

Minibio: Prof. Dr^a. Maria Cristina de Távora Sparano: Filósofa e psicanalista. Professora aposentada da Universidade Federal do Paraná e professora sênior do programa de mestrado PROF-Filo da Universidade Federal do Piauí.

Marcos Antônio da Silva Santos Ferreira: Graduado em filosofia pela Universidade federal do Piauí e mestrando pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Ementa: Objetivo: Este minicurso tem por objetivo analisar aspectos filosóficos e psicanalíticos que rodeiam a ideia das perversões, sobretudo em sua relação política e social. Assim sendo, o principal objetivo desse minicurso irá girar em torno de desmistificar as perversões como algo longínquo e perigoso, mas como parte da vida humana e cotidiana.

Este minicurso irá propôr, em um primeiro momento, uma leitura analítica da obra *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), de Sigmund Freud, com ênfase na questão da perversão e sua relação com a sexualidade perverso-polimorfa da criança, como aponta o psicanalista vienense.

Em um segundo momento, e a partir de um viés não somente psicanalítico, mas filosófico, iremos nos utilizar de pensadores como Friedrich Nietzsche, Michel Foucault e Platão, para construir uma leitura crítica da questão das perversões. Esse movimento de compreensão da perversão pode ser uma porta de entrada para a compreensão do próprio sujeito, dada a interconectividade entre a perversão e a vida social, política e sexual.

O programa segue os seguintes tópicos, em acordança com a construção Freudiana da sexualidade e os desvios da pulsão. Dando ênfase às pulsões parciais, as quais estão na origem das perversões, traçando inúmeros destinos alternativos para a pulsão insatisfeita, tais como:

1. A sexualidade perverso-polimorfa
2. O sadismo e o masoquismo
3. O voyerismo e o exibicionismo
4. O travestismo
5. A pedofilia e o incesto
6. O fetichismo

Temas-chave: Perversões, sexualidade, subjetividade.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Uma lembrança de infância de Leonardo Da Vinci. In: ARTE, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BONNET, Gérard. Les perversions sexuelles. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

ANDRÉ, Serge. La signification de la pédophilie. Psychologue Psychothérapeute, 29 dez. 2019. Disponível em: <<https://astriddusendschon.org/2019/12/29/la-signification-de-la-pedophilie-par-serg-e-andre/>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PLATÃO. O banquete. Belém: Edufpa, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: A vontade do saber. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

Gilles Deleuze e a pintura de Francis Bacon

Com Pablo Enrique Abraham Zunino/GT de Filosofia Francesa Contemporânea

Duração: 4 horas

Dias e horários: 2 e 3/10; 10h às 12h

Local: Unicap

Minibio: Doutor em Filosofia pela USP com estágio de pesquisa na Université Paris I Panthéon-Sorbonne. Professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Atualmente, é pesquisador visitante no Programa de Pós-graduação em Filosofia da FFLCH-USP.

Ementa: O curso propõe uma leitura introdutória da obra Francis Bacon: lógica da sensação (1981), de Gilles Deleuze. O tema da pintura será examinado desde uma perspectiva filosófica que enfatiza os conceitos de estrutura, figura e contorno a fim de explicitar as relações entre o corpo, o espírito e a noção de “devir-animal” que permeiam a pintura de Bacon segundo a interpretação deleuziana. Para tanto, procederemos a uma análise dos primeiros capítulos do livro, cotejando alguns quadros de Bacon com o intuito de estabelecer a correlação entre a imagem pictórica e a argumentação filosófica.

Hipárquia de Maroneia: da adoção do modo de viver cínico ao uso provocativo de silogismos

Com Luiz Celso Pinho/GT Pensamento Contemporâneo

Duração: 4h30

Dias e horários: 1, 2 e 3/10; 9h às 10h30

Local: Unicap

Minibio: Professor Associado I (UFRRJ). Doutor em Filosofia (UFRJ). Pesquisador da FAPERJ (2003-2004 e 2009-2010) e do CNPq (2013-2014). Estágios Pós-Doutorais na PUC-PR (2012) e na Universidade de Valência, Espanha (2024).

Ementa: Os estudos a respeito de Hipárquia (fl. 336-333) costumam enveredar por três aspectos inerentes à sua vida pessoal: casamento, sexualidade e condição feminina. As circunstâncias nas quais ocorreu sua união conjugal com Crates de Tebas praticamente monopolizam o interesse de especialistas por sua figura. Nosso intuito residirá em abordar as nuances do embate filosófico de Hipárquia com Teodoro, o Ateu, na única passagem cuja autoria lhe é atribuída. Pretendemos tanto situar seu pensamento em relação à cultura grega da época e ao movimento cínico quanto elucidar os pressupostos teóricos que norteiam sua provocante argumentação silogística.

Introdução à vida e à obra de Marco Aurélio

Com Aldo Dinucci/GT Epicteto e Marginália Filosófica

Dias e horários: 1, 2 e 3/10; 14h às 16h

Local: Unicap

Duração: 6 horas

Minibio: Pesquisador da Academia Britânica entre 2018 e 2022. Pesquisador em produtividade do CNPq entre 2016 e 2018, e novamente a partir de 2022. Professor Titular do Departamento de Filosofia da UFES e Pesquisador Honorário da University of Kent (UK).

Ementa: Primeira aula: Contextualização da vida de Marco Aurélio segundo a história. O Livro I das Meditações com exercício estoico de gratidão. Segunda aula: Marco Aurélio e os três tópicos da filosofia de Epicteto. Marco Aurélio entre a iracúndia e a gentileza. Terceira aula: Marco Aurélio possidoniano? A concepção tripartite de humano nas Meditações.

Lacan entre a filosofia e a antfilosofia

Com Izabela Loner e Alexandre Starnino/ GT Filosofia e Psicanálise

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1 e 3/10; 10h às 12h

Local: Unicap

Minibio: Alexandre Starnino é doutorando em Psychanalyse et Psychopathologie pela Ecole Doctorale d'Études psychanalytiques (Paris VII) e em Filosofia pela Unicamp. Mestre em Filosofia pela Unicamp com período na Univeristé Paris VII - (UFR)

Izabela Loner é doutoranda em Filosofia pela Unicamp. Mestre em Filosofia pela UFABC. Membro do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF, no qual atua na equipe técnica da gestão 2023-2024 e como Editora do Informativo Conexões.

Ementa: O minicurso explora introdutoriamente recortes do ensino lacaniano que dialogam com temas caros à filosofia, assim como discute um certo movimento que aponta para uma antifilosofia em Lacan. O curso será dividido em 4 (quatro) partes, a saber: 1) Lacan com Hegel: da psiquiatria à filosofia e a primeira teoria do imaginário. 2) O sujeito lacaniano e o inconsciente estruturado como linguagem. 3) Um “retorno a Freud” não sem o estruturalismo. 4) Lacan entre a Filosofia e a Antifilosofia.

L’homme sans moi. Essai sur l’identité

Com Pierre Guenancia/GT Estudos Cartesianos

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1, 2 e 3/10; 15h às 17h

Local: Unicap

O comentário de Proclo ao primeiro livro dos Elementos de Euclides e sua influência na Idade Moderna

Com Jorge Alberto Molina/GT Filosofia da Ciência

Duração: 6 horas

Dias e horários: 2, 3 e 4/10; 14h às 16h

Local: Unicap

Minibio: Doutor em Lógica e Filosofia da ciência (UNICAMP). Professor aposentado da Universidade Estadual de Rio Grande do Sul. Professor visitante da Universidade Federal de Bahia. Trabalha em História e Filosofia das ciências formais

Ementa: O comentário de Proclo. A tentativa de conciliar as perspectivas platônica e aristotélica sobre a Geometria. A análise de Proclo sobre a estrutura das demonstrações euclidianas. As observações sobre os postulados e axiomas. O papel do

análise de casos. A importância do comentário para a fixação do texto de Euclides e para sua interpretação na Idade Moderna

Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan, Marx e Freud. Rio de Janeiro: Graal, 1985

BADIOU, Alain. Lacan: Anti-Philosophy 3. Columbia University Press, 2018.

BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. Não há relação sexual: Duas lições sobre "O aturdido" de Lacan. Rio de Janeiro, Zahar.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? Em: DELEUZE, Gilles. A ilha deserta e outros textos. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

ECO, Umberto. A estrutura ausente. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Fenomenologia do espírito. Petrópolis: Vozes, 2017.

KOJÉVE, Alexandre. Introdução à leitura de Hegel. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2002.

LACAN, Jacques. Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MILNER, Jean-Claud. A obra clara: Lacan, a Ciência, a Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

POLITZER, George. Crítica dos fundamentos da psicologia e outros escritos. São Paulo: LavraPalavra, 2023.

SILVEIRA, Léa. Determinação versus subjetividade: apropriação e ultrapassagem do estruturalismo pela psicanálise lacaniana. Tese (Doutorado em Filosofia) – UFSCar, São Carlos, 2007.

SIMANKE, Richard Theisen. Nem filósofo, nem antifilósofo: notas sobre o papel das referências filosóficas na construção da psicanálise lacaniana. Nat. hum. [online]. 2005, vol.7, n.1, pp. 9-58.

STARNINO, A. Jacques Lacan: uma introdução. Editora Sinthoma, 2024

O galo da madrugada desafia a coruja de Minerva: a Filosofia da Libertação Latino-Americana e a superação do eurocentrismo

Com Alberto Vivar Flores/GT Ética e Cidadania

Duração: 6 horas

Dias e horários: 2 e 3/10; 9h às 12h

Local: Unicap

Minibio: Possui graduação em Bachiller en Sagrada Teologia - Universidad Pontificia de Salamanca (1980), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1993), Especialização em Metodologia do Ensino Superior (1994) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Alagoas/Ufal.

Ementa: Da História das ideias na América Latina a uma Filosofia da Libertação: por uma mudança de simbologia filosófica em Latino-América.

O 'fim do fim' da filosofia em Alain Badiou

Com Lucas Azevedo Maksud/GT Ontologias Contemporâneas

Sinopse: o minicurso irá expor a defesa de Badiou do que veremos ser o fim do fim da filosofia, ao buscar recuperar a filosofia em um sentido forte, que a distinga por vez dos denominados sofismos modernos.

Duração: 6h

Dias e horários: 1, 2 e 3/10; 15h às 17h

Local: Unicap

Ementa: O minicurso irá expor a defesa de Badiou do que veremos ser o fim do fim da filosofia, ao buscar recuperar a filosofia em um sentido forte, que a distinga por vez dos denominados sofismos modernos. Sob a forma de um manifesto pela filosofia, o projeto badiouano é o de recuperar um pensamento afirmativo, superando a negatividade da crítica e retomando a centralidade da ontologia, em contraste com paradigma epistemológico instaurado desde Kant. Esse argumento será tensionado e nos permitirá passar a uma definição do que é a filosofia para Badiou e a uma inédita noção do ser-enquanto-ser suturado subtrativamente ao discurso vazio da matemática, o que acaba por afastar o ser de qualquer noção de presença, como na ontologia heideggeriana.

Programa:

Aula 1 - O 'fim do fim' da filosofia

Aula 2 - Por uma filosofia afirmativa

Aula 3 - Definição de filosofia, um espaço de possibilidade

Bibliografia principal:

BADIOU, Alain. "L'être et l'événement". Paris: Éditions du Seuil, 1988.

_____. Adorno's Negative Dialectics. In: "Five Lessons on Wagner". Tradução de Susan Spitzer. Londres: Verso, 2010.

_____. "Affirmative Dialectics": from Logic to Anthropology. The International Journal of Badiou Studies. Volume 2, N. 1, 2013, p. 1-13.

_____. "Manifesto pela filosofia e Segundo Manifesto pela filosofia". 1 ed. São Paulo, 2022.

Ontologia e economia política: Marx leitor de Hegel

Com Wecio Araujo (UFPB) e Leonardo da Hora (UFBA)/GT Teoria Crítica

Duração: 3 horas

Dias e horários: 1 e 2/10; 14h às 16h

Local: Unicap

Minibio: Wecio: Doutor em filosofia (UFPE/UFPB/UFRN) com estágio PDSE/CAPES na HGB/Leipzig (Alemanha). Professor e pesquisador na UFPB, onde coordena o Núcleo de Pesquisa em Teoria Social (NÓS/CNPq). Membro do GT Teoria Crítica e da Sociedade Hegel Brasileira.

Leonardo: Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e membro permanente do Programa da Pós-Graduação em Filosofia da UFBA. Líder do Núcleo de Estudos em Filosofia, Crítica e Sociedade (NEFICSO/CNPq).

Ementa: A interpretação de Marx acerca da ontologia e da filosofia política hegelianas e suas implicações para a sua crítica da economia política capitalista, com ênfase para como Marx elabora a relação entre trabalho e sociabilidade a partir de Hegel, e como este processo influencia a crítica marxiana da forma valor (Wertform) como substância social do processo de acumulação do capital. Dialética hegeliana, dialética marxiana e Nova dialética (New Dialectics). Tradição dialética brasileira (Ruy Fausto, Giannotti, Müller e Grespan). Ontologia, dialética e teoria social crítica.

Opressões de raça, gênero e classe

Com Maria Cristina Longo Cardoso Dias (UFES), Letícia Santos (UFRN), Juliana Ortigosa Aggio (UFBA), Silvana de Souza Ramos (USP), Simone Borges (UFBA), Solange Costa (UESPI), Diogo Oliveira (USP), Cassiana Stephan (UFRJ), Polyana Tidre (UFPR), Cristiane Marinho (UECE), Carla Rodrigues (UFRJ)/GT Raça, gênero e classe

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1, 2 e 3/10; 10h às 12h

Local: Unicap

Minibio: Docentes e Pós-graduandxs de distintos programas de filosofia.

Ementa: O Minicurso pretende abordar as seguintes correntes de pensamento:

1) Feminismo de influência marxista;

Autoras como Alexandra Kollontai, Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo, Silvia Federici, Angela Davis, Heleieth Saffioti, Cinzia Arruzza, Thiti Batthacharya e Lélia Gonzalez utilizaram a teoria de Marx para se aproximar ou criticar, construindo novas interpretações sobre o capitalismo, a partir de uma ótica que leva em conta não apenas a classe, mas também outras opressões como estando na base da constituição deste modo de produção.

A partir de seus distintos diagnósticos sobre a constituição do capitalismo, as autoras propõem inúmeras saídas para a supressão das referidas opressões, como a proposta de Silvia Federici por salários para os trabalhos reprodutivos e de constituição dos "comuns", a luta de Alexandra Kollontai pela coletivização dos trabalhos reprodutivos ou o combate por parte de Cinzia Arruzza, Thiti Batthacharya e Nancy Fraser contra feminismos que levem em conta apenas algumas, deixando claro que qualquer feminismo que pretenda, de fato, atacar a raiz das opressões não pode jamais deixar de lado outros grupos oprimidos.

2) Feminismo Negro e Anticapitalista;

Autoras como Lélia Gonzalez, bell hooks, Angela Davis, entre outras, formularam feminismos negros que se propuseram a entender o capitalismo e sua relação com a constituição de várias opressões, desvendando de que forma o racismo opera como fator da maior importância para a produção e reprodução deste modo de produção. As autoras tiveram especial atenção para as opressões sofridas pelas mulheres negras, entendendo que estes corpos são entrecortados por inúmeras das opressões existentes, como as de gênero, raça e classe.

As referidas pensadoras descreveram os horrores e torturas que estas mulheres passaram durante a escravização colonial, mostrando de que forma as atrocidades cometidas no passado continuam reverberando com toda a sua força até os dias atuais, como quando Lélia Gonzalez descreve que estas mulheres continuam ocupando, praticamente, apenas dois lugares sociais no Brasil, quais sejam: "o local de empregadas domésticas" ou o lócus de "mulheres hiperssexualizadas", em uma clara alusão à figura da mucama do período colonial, agora repaginada no capitalismo.

As autoras oferecem saídas que passam por erguer todas as mulheres (já que não é possível erguer toda a base, sem destruir a estrutura que produz e reproduz topo e base) seja a partir do feminismo afro-latino-americano de Lélia Gonzalez, do feminismo radical visionário de bell hooks ou por intermédio da luta de Angela Davis, dentro do partido comunista, pelo fim do modo de produção capitalista.

3) Marx e a Contemporaneidade;

Esta linha de pesquisa tem por finalidade promover o intercâmbio científico-filosófico no âmbito das pesquisas relativas a Marx e ao marxismo e a filosofias contemporâneas pós-estruturalistas, estabelecendo como fio condutor a questão acerca da proximidade e distância entre essas tradições, assim como a questão da ênfase posta – nas tentativas de atualização, de reabilitação crítica, ou mesmo de subversão de Marx – em categorias como “diferença”, “alteridade” ou “negatividade”.

Intelectuais como Angela Davis, Cinzia Arruzza, Silvia Federici, Heleieth Saffioti, Moische Postone, Robert Kurz, Michael Löwy, John Bellamy Foster, Kohei Saito, Isabel Loureiro, Jorge Grespan, dentre outros, fazem da teoria de Marx objeto de uma apropriação crítica. Ao mesmo tempo que se utilizam do aparato conceitual marxiano na abordagem de temas como o modo de produção industrial, a crise ambiental, questões de gênero, sexualidade ou raça, lutas e movimentos sociais, dentre outros, põem também o problema da significação de potenciais lacunas ou possíveis desvios, em Marx ou no(s) marxismo(s), no tratamento de tais questões.

É nesse sentido que nos interessa igualmente discutir em que medida as filosofias contemporâneas pós-estruturalistas – Michel Foucault, Jacques Derrida, Judith Butler, Paul B. Preciado, Donna Haraway, Rosi Braidotti, Sabina Vaccarino, Daniele Lorenzini, Maria Rita Assis Cesar, André Duarte, César Candiotto, Carla Rodrigues, entre outros – reabilitam, sob a chave das noções de “diferença” e “alteridade”, compreensões marxianas e marxistas do vínculo entre poder, dominação, trabalho e classe.

4) Raça, gênero, classe e estética;

A estética na filosofia tem sido tradicionalmente uma área de investigação que se concentra no estudo da natureza do juízo de belo, do gosto e da arte, muitas vezes considerando esses conceitos de forma abstrata e desvinculada de considerações sociais mais amplas. No entanto, quando examinamos a estética à luz do estudo interseccional de raça, gênero e classe, emergem questões cruciais sobre como as experiências estéticas são moldadas e vivenciadas por diferentes grupos sociais.

A interseccionalidade nos leva a reconhecer que identidades individuais e coletivas são construídas através de uma complexa interação de fatores sociais, como raça, gênero e classe. Da mesma forma, as percepções de beleza, o acesso à arte e a valorização estética são influenciados por esses mesmos fatores.

Por exemplo, quando consideramos a representação do corpo na arte e na cultura visual, podemos observar como as normas de beleza são muitas vezes definidas de acordo com padrões eurocêntricos, privilegiando corpos brancos, magros e cisgêneros. Esses padrões não apenas excluem corpos que não se encaixam nesses ideais, mas também perpetuam estruturas de poder que marginalizam e oprimem grupos racializados, pessoas de classes socioeconômicas subalternizadas e aqueles que não se identificam com as normas de gênero dominantes.

Além disso, a produção e a apreciação da arte muitas vezes estão intimamente ligadas ao acesso a recursos econômicos e educacionais, o que significa que pessoas de classes socioeconômicas mais privilegiadas têm maior probabilidade de participar e influenciar os discursos estéticos dominantes. Isso cria uma hierarquia na valorização cultural, na qual as expressões artísticas de grupos marginalizados são frequentemente subestimadas ou ignoradas.

Nossa linha de pesquisa pretende estudar as conexões entre estética, filosofia da arte e as relações de raça, gênero e classe valorizando a produção de pensadoras e artistas de grupos normalmente não contemplados pelo pensamento hegemônico. Intelectuais como Angela Davis, bell hooks, Griselda Pollock, Donna Haraway, María Zambrano, Glória Anzaldúa, Linda Nochlin, Paul Preciado, Audre Lorde, Jota Mombaça, Jack Halberstam entre outras, nos ajudarão a compreender as relações de poder que se exerce no sistema das artes e na filosofia que exclui a produção e o pensamento interseccional na área.

5) Teoria Queer e Anticapitalismo;

Esta linha de pesquisa tem por finalidade compreender, na intersecção entre filosofia, sociologia e educação, de que maneira a teoria queer dá ensejo às críticas ao neoliberalismo capitalista. Portanto, vislumbramos questionar, em primeiro lugar, como as teóricas e teóricos do queer entrecruzam, em vista da luta anticapitalista, perspectivas antirracistas, anarquistas, transfeministas e animalistas. Em segundo lugar, trata-se de problematizar o modo pelo qual os atos de insurreição queer, colocados em operação por grupos militantes como Bash Back!, ALF (Animal Liberation Front) e as diferentes células dos movimentos AntiFascistas, mobilizam táticas de resistência que podem ser consideradas violentas e classificadas como terroristas por uma dinâmica jurídico-estatal que repousa no biopoder de modulação

necropolítica. Em terceiro lugar, nosso objetivo é o de pensar na relação entre a insurreição queer, a revolta social e a revolução política. Em outras palavras, gostaríamos de interrogar o estatuto da insurreição queer no que diz respeito à estratégia pontual da revolta e à estratégia permanente da revolução.

Esperamos desenvolver tais análises com base em intelectuais que contribuem e coadunam com a consolidação do campo dos estudos queer. Assim sendo, recorreremos, por exemplo, a Michel Foucault, Judith Butler, Gilles Deleuze, Maria Galindo, Paul B. Preciado, Elsa Dorlin, Jack Halberstam, Michael Loadenthal, Tavia Nyong'o e Saidiya Hartman.

6) Filosofia Pós-Colonial e decolonial;

Neste eixo de pesquisa, esperamos questionar os efeitos da colonização no que diz respeito à estruturação do racismo, do patriarcado e das opressões de classe na contemporaneidade. Para tanto, recorreremos às filosofias pós-coloniais - cujos expoentes são, por exemplo, Edward Saïd, Gayatri Spivak, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Nawal El-Saadawi, Oswald de Andrade e Homi Bhabha -, mas também às filosofias decoloniais que, na verve de Aníbal Quijano, mapeiam e reagem à colonialidade do poder no contexto das empreitadas civilizatórias do imperialismo, que alimenta e é alimentado pelo capitalismo e que se fundamenta na presunção metafísico-ontológica da soberania branca.

Com base nisso, interessa-nos compreender de que maneira as filosofias pós-coloniais concebem a constituição das identidades marcadas pelos processos de colonização, os quais podem ser mais ou menos explícitos, já que atuam microscopicamente na esfera da vida psíquica e macroscopicamente na esfera da vida social, seja por meio de injunções estéticas e epistêmicas, seja por meio da exercitação do poder político-institucional.

Por um Filosofia Não-Violenta: da epistemologia à sala de aula

Com Coletivo do Projeto Uma Filósofa por Mês/GT Filosofia e Gênero

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1 e 2/10; 14h às 17h

Local: Unicap

Minibio: Janyne Sattler coordena o Projeto Uma Filósofa por Mês, na UFSC, onde é docente do PPGFIL.

Ementa: O minicurso parte do diagnóstico de que o espaço canônico e institucional da filosofia é violento e excludente sobre corpos não conformes aos padrões e critérios construídos pela tradição filosófica - cujo privilégio reside e se desdobra da concepção de subjetividade epistêmica afeita a uma suposta universalidade e neutralidade e que baliza igualmente os comportamentos de autoridade superlativa e hierárquica no cotidiano das atividades filosóficas, nomeadamente nas salas de aula. O minicurso pretende pensar os modos de reprodução dessa violência (esvaziamento da condição de sujeito legítimo do conhecimento, deslegitimação das asserções de conhecimento, deslegitimação da autoridade epistêmica, comportamentos individualistas autoritários e de autoridade auto-outorgada e corroborada por mecanismos de gaslighting estrutural, posturas belicosas e duelistas em discussões e debates, e uso gratuito de imagens e linguagem violenta, entre outros aspectos), os efeitos por ela produzidos, em especial sobre filósofas em seus diferentes momentos de trajetória acadêmica (alguns dos quais contam como motivos de abandono da carreira), e os modos de resistência e de subversão da violência da filosofia através de práticas filosóficas e pedagógicas que partam de um outro registro epistemológico, cuja subjetividade seja corporificada, mas coletivamente balizada, localizada, mas coletivamente reflexiva. O minicurso pretende, assim, propor um engajamento por uma filosofia não-violenta que se estenda das práticas teóricas fundamentais da reflexão filosófica aos seus modos de vivência na sala de aula, em prol de uma vida filosófica não-excludente e salutar para os corpos diversos que habitam o espaço (institucional, acadêmico) da filosofia.

Pragmatismo Americano

Com Daniel Everett

Duração: 12 horas

Dias e horários: 1, 2, 3 e 4/10; 9h às 12h

Local: Unicap

Realismo Espectral: Pensar a Imortalidade Hoje

Com Hilan Bensusan/GT Ontologias Contemporâneas

Duração: 4 horas

Dias e horários: 1/10, 14h às 16h; 4/10, 10h às 12h

Local: Unicap

Minibio: Prof. adjunto do PPG-FIL UnB. "Indexicalism" (Edinburgh University Press, 2021) deu bases a um realismo espectral explorado em artigos, cursos e nos livros "História Sul-Americana da Imortalidade" (Cultura e Barbárie, 2024) e "Memory Assemblages" (Bloomsbury, 2024).

Ementa: 1. O início da virada espectral: Derrida, "Espectros de Marx", "Mal de Arquivo", "Marx e Filhos". As primeiras recepções espectrais. O espectral e o especulativo - o espectral em Meillassoux e no realismo especulativo.

2. Espectralidade e política: pensar a espectralidade a partir da violência, dos movimentos sociais e das ideias de Santiago Arcila sobre povos espectrais na América Latina. O realismo espectral na literatura de Juan Rulfo a Evelio Rosero.

3. A disjuntologia na leitura de Platão promovida por Fabián Ludueña. A comunidade dos espectros e a imortalidade como intermitência. O espectro e o espírito. O espectral, o inteligível e o para-ontológico: um Platão ultra-metafísico.

4. O pan-mnemismo e o realismo espectral como posição ultra-metafísica. A ubiquidade das assemblagens de memória. Adição, memória e intermitência. A imortalidade pensada fora de um pensamento da substância permanente e da eternidade.

serumanar

Com Sócrates Roberto Fusinato/GT Deleuze Guattari

Duração: 6 horas

Dias e horários: 2 e 3/10; 9h às 12h

Local: Unicap

Minibio: Poeta-dramaturgo, diretor teatral e performer, professor de Artes Cênicas, Filosofia e Antropologia do Direito, mestre em Teoria e Filosofia do Direito [UFSC] e em Teatro [UDESC], doutorando em Artes Cênicas [UDESC].

Ementa: Como verbo serumanar é poema-dramaturgia no infinitivo. conjuga-se cedendo-se ou não, desaparecendo-se ou não. Homem, Humano, Ser Humano, Humanidade. palavras-conceitos com inicial em letra maiúscula porque se pretendem Universais. poema como toda e qualquer ação que se pense em um registro de logicização ocidental, podendo rompê-la; dramaturgia como espaço-tempo de cena que cria-em-resistência humanidades ainda possíveis, possíveis porque não esgotadas em seus movimentos de inclusão e exclusão das diferenças históricas, filosóficas e antropológicas do Ser Humano [digo como poeta-dramaturgo: serumano] que não vive sem palavrear para construir a História, o Filosofar e o Antropologizar.

Simbolismo Judicial e Ideia de Justiça

Com Ivan Ostashchuk/ET História da Filosofia

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1 e 2/10; 14h às 17h

Local: Unicap

Minibio: Eu nasci e morei na Ucrânia. Sou bolsista do Programa Paranaense de Acolhida a Cientistas Ucranianos, idealizado pela Fundação Araucária, Professor Visitante da UEL desde agosto de 2023. CV: <https://lattes.cnpq.br/3076958951749841>

Ementa: I- Objetivos

- Discutir a temática semiótica e história de filosofia do direito.
- Examinar as noções de símbolos judiciais, símbolos judiciais pessoais, alegoria da justiça, imagem de juiz, juramento, temas judiciais na arte.
- Analisar a relação entre filosofia, direito, arte, linguagem no contexto da formação de símbolos judiciais.

II- Justificativa

Um curso sobre o tema simbolismo judicial é atual e importante para a compreensão do estabelecimento da instituição do julgamento justo ao longo dos séculos nas sociedades jurídicas. O professor doutor que ministrará o curso é especialista na discussão

III- Conteúdo Programático:

1 – A linguagem dos símbolos judiciais. A semiótica judicial nos textos da mitologia do Médio Oriente e greco-romana, livros da Bíblia, nas narrativas da Idade Média europeia.

2 – Os símbolos judiciais pessoais (toga e medallion). A imagem de juiz. O juramento.

3 – As temas judiciais na arte.

Sobre a metafísica, ética e epistemologia dos vieses implícitos

Com Felipe Nogueira de Carvalho/GT Filosofia e Raça

Duração: 4h30

Dias e horários: 2 e 3/10; 9h às 11h15

Local: Unicap

Minibio: Professor Adjunto de Filosofia na Universidade Federal de Lavras. Doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, com pós-doutorado na Universidade de Ruhr (Alemanha) e na Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do GT Filosofia e Raça.

Ementa: “Viés implícito” é um construto psicológico proposto para explicar uma gama de fenômenos em que os comportamentos de um agente em relação a um determinado objeto x não podem ser explicados pelas crenças reflexivas e conscientemente acessíveis do agente sobre x, mas precisam apelar para atitudes em relação a x que supostamente operam “sob o radar” da consciência do agente. Tal construto surgiu com o desenvolvimento de medidas indiretas de atitudes nas décadas de 1970 e 1980,

nas quais os sujeitos não são questionados diretamente sobre suas atitudes em relação a x , mas são instruídos a se engajar em tarefas que supostamente detectam expressões automáticas dessas atitudes. Como muitas vezes há uma dissonância entre as crenças reflexivas dos sujeitos e os resultados de tais medidas indiretas, estas últimas passaram a ser chamadas de “atitudes implícitas” ou “viés implícito”.

No entanto, mesmo que este construto tenha sido verificado por diversos testes empíricos, aplicado a uma ampla gama de fenômenos e utilizado como ferramenta explicativa em debates sobre o preconceito e a desigualdade social, ele ao mesmo tempo levanta uma série de dificuldades filosóficas nos campos da ética, epistemologia e metafísica que merecem ser investigadas com maior afinco. O objetivo deste minicurso será, justamente, fazer tal investigação.

Em um primeiro momento, após introduzir o fenômeno tal como aparece na psicologia empírica, iremos nos debruçar sobre questões que dizem respeito a metafísica dos estados mentais. Em outras palavras, que tipo de entidade psíquica seria um viés implícito? Enquanto alguns pesquisadores procuram trabalhar com categorias aceitas e incontroversas de entidades mentais (tais como crenças), outros argumentam que a peculiaridade dos vieses implícitos exige que ampliemos nossa ontologia mental de modo a incluir outras categorias, como “endossos irregulares” (Levy 2015) ou aliefs (Gendler 2008); outros, ainda, argumentam que vieses implícitos não devem ser compreendidos como estados mentais mas sim como perfis disposicionais (Machery 2016), hábitos corporificados (Leboeuf 2020) ou esquemas (Haslanger 2008).

A segunda parte será dedicada a questões éticas e epistemológicas. Em primeiro lugar, se vieses implícitos são inconscientes e não estão sob controle intencional do agente, este agente ainda pode ser responsabilizado por agir baseado em um viés implícito? Se sim, em que sentido? Se não, porque não? Como devemos abordar os vieses implícitos para que tenhamos uma boa conduta moral? Que tipo de ética precisamos para confrontar seriamente a questão dos vieses implícitos? Em segundo lugar, de que forma os vieses implícitos atrapalham nossas práticas de aquisição e transmissão de conhecimento? Em virtude de que? O que fazer para minimizar ou mesmo anular seus efeitos epistêmicos deletérios? Que tipo de epistemologia teremos uma vez que incorporemos os vieses implícitos em nossa análise teórica?

Finalmente, na terceira parte discutiremos a interface entre explicações psicológicas e estruturais do preconceito e da desigualdade social. Iremos nos perguntar sobre o escopo de explicações individualistas, tais como os vieses implícitos, e se tais explicações devem ser suplantadas ou complementadas por explicações estruturais que privilegiam práticas sociais e institucionais como ferramentas explicativas de

fenômenos discriminatórios e da desigualdade social. Seriam estas duas explicações de ordem diferente, ou será que podem ser de alguma forma compatibilizadas? Se sim, como? E onde estaria o viés implícito nesta compatibilização? Estas serão algumas das questões que encerrarão este minicurso.

Subjetividade ética - Um outro lugar para a ontologia em Levinas

Com Abimael Francisco do Nascimento/GT Levinas

Duração: 4 horas

Dias e horários: 1 e 2/10; 14h às 16h

Local: Unicap

Minibio: Doutor em Filosofia pela UFC, Mestre em Teologia pela PUC-SP, Professor na Faculdade Católica de Fortaleza.

Ementa: Analisar o retorno da Ontologia no pensamento levinasiano, especialmente ao fim da obra *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* e sua relação com o aparecimento do Terceiro, tendo por consequência a exigência da justiça, portanto, a Ontologia.

The Future of Human Enhancement

Com Murilo Mariano Vilaça e Nicholas Agar/GT Teorias da Justiça

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1 e 2/10; 14h às 17h

Local: Unicap

Minibio: Pesquisador Titular da Fiocruz; Coordenador JCNE (FAPERJ); Pesquisador do CNPq (APQ-PRÓ-HUMANIDADES; PQ2) / Nicholas Agar - Professor of Ethics at the University of Waikato, New Zealand; autor dos livros: *Liberal Eugenics: In Defense of*

Human Enhancement (2004), *Humanity's End: Why We Should Reject Radical Enhancement* (2010), *Truly Human Enhancement: A Philosophical Defense Of Limits* (2014), *Dialogues on Human Enhancement* (2023), entre outros.

Ementa: O avanço tecnocientífico tem expandido as tecnologias e suas aplicações sobre a vida humana. Além dos fins terapêuticos, as novas tecnologias podem ser utilizadas para aumentar ou melhorar capacidades e funcionamentos humanos. A partir de uma introdução ao tema do melhoramento humano (human enhancement), focalizaremos os aspectos e questões mais atuais, apontando para o futuro das tecnologias de melhoramento humano no contexto das sociedades democráticas, liberais e capitalistas. Nosso objetivo é enfatizar elementos-chave para pensar crítica e ponderadamente sobre os possíveis benefícios da ampliação do uso de tais tecnologias. Focalizaremos, também, os desafios normativos e regulatórios envolvidos na gestão dos seus potenciais riscos relativos à vida pessoal e à dinâmica social (para a manutenção da coesão social e da democracia, bem como para promoção da justiça social).

Uma leitura do Hípias Menor como modelo de como ler um diálogo platônico

Com Pedro Luz Baratieri/GT Filosofia Antiga

Duração: 6 horas

Dias e horários: 30/9, 1, 2 e 3/10; 15h30 às 17h

Local: Unicap

Minibio: Professor Substituto do Departamento de Filosofia da UFRJ. Possui graduação (UFSC, 2012), mestrado (UFSC, 2014), doutorado (UFRJ, PPGF, 2021) e pós-doutorado (UFF, 2024) em filosofia, com pesquisas focadas em Filosofia Antiga em geral e em Platão mais especificamente.

Ementa: O Hípias Menor é um dos diálogos mais intrigantes de Platão, de tal modo que sua interpretação varia desde considerá-lo o mais simples e menos importante dos diálogos (LAGUNA, 1920, p.550) até o ponto de julgá-lo um dos mais enigmáticos (KAHN, 1996, p.113). Não é por menos, afinal de contas, nesse diálogo Sócrates defende e julga ter demonstrado que o mentiroso e o verdadeiro são o mesmo; que Aquiles

mente, ao passo que Odisseu jamais seria visto mentindo em Homero; e que quem comete uma injustiça de propósito seria melhor do quem o faz sem querer. Como entender essas afirmações de Sócrates, à primeira vista um tanto paradoxais? Os argumentos de que se vale seriam corretos? Se não, ele estaria ciente disso? Essas são perguntas que os (as) estudiosos (as) do diálogo se fazem.

Diante disso, o minicurso consistirá num estudo do Hípias Menor que pretende responder a essas perguntas por meio de uma forma específica de ler os Diálogos. Desse modo, o minicurso também pretenderá fornecer um modelo de leitura dos Diálogos em geral. Como pretendo mostrar que pelo menos quatro aspectos de cada diálogo devem ser levados em consideração em uma interpretação ideal - as teses e os argumentos (1), os aspectos dramáticos e literários (2), as referências à tradição pregressa (3) e as conexões entre os Diálogos (4) -, o minicurso será dividido em quatro encontros (de 1h30min cada), cada um dos quais abordando um desses aspectos.

1. O primeiro encontro tratará da dimensão das TESES E DOS ARGUMENTOS do diálogo. Analisando de forma detida os argumentos de que se vale Sócrates para defender suas três principais teses no diálogo, pretende mostrar, não só que todos eles são altamente problemáticos, como também que Sócrates e Platão estão cientes disso. Naturalmente emerge uma questão ao fim desse primeiro bloco: por que Platão faria Sócrates usar argumentos deliberadamente falazes? Mas disso também se depreenderia, como pretendo mostrar, uma consequência metodológica crucial: para compreendermos adequadamente um diálogo, a mera análise das teses e dos argumentos, embora necessária, não é suficiente. Daí a necessária passagem ao segundo aspecto que precisa ser abordado pela interpretação.

2. O segundo encontro abordará OS ASPECTOS DRAMÁTICOS E LITERÁRIOS do diálogo, dando especial atenção ao prólogo e à figura de Hípias. Sublinhando o que fazem os interlocutores, onde estão e quem são eles, pretendo mostrar que Sócrates se envolve em espécie de competição de discursos com Hípias, diante do que já se tornaria menos estranho o recurso de Sócrates a argumentos falazes. Como nesse bloco já pretendo sublinhar algumas conexões do Hípias Menor com o Hípias Maior, bem como o caráter altamente pedagógico não só da competição entre Sócrates e Hípias, mas também do engajamento que, à luz do Hípias Maior, o Menor mostra esperar da parte do(a) leitor(a), ao final desse bloco já começaremos a problematizar a leitura exclusivamente literária dos Diálogos: conquanto altamente necessária, tampouco ela se mostraria suficiente por si só.

3. No encontro seguinte, então, abordaremos a conexão do diálogo com os TEXTOS DA TRADIÇÃO PREGRESSA AOS QUAIS FAZ REFERÊNCIA, notadamente o Canto IX da

Íliada, também conhecido como As Preces. Nesse caso, mostrarei não só que o diálogo deve ser lido à luz das Preces (e vice-versa) (e assim cada diálogo à luz dos textos aos quais faz referência), mas também como isso deve ser feito.

4. Já no quarto e último encontro, pretendo abordar a necessidade, para uma boa interpretação de cada diálogo, de levar em consideração A POSIÇÃO QUE OCUPA NO CORPUS. Sublinhando as conexões do Hípias Menor com o Hípias Maior, de um lado, e o com Íon, de outro, pretendo mostrar não só que cada diálogo precisa ser interpretado à luz de suas conexões com os outros, mas também como isso deve ser feito: não de acordo com uma pretensa ordem de composição, mas antes de acordo com uma ordem pedagógica de leitura. Nesse momento, apontarei alguns problemas da abordagem desenvolvimentista e apresentarei vantagens da leitura que pode ser chamada de pedagógica das conexões entre os diálogos.

O método de exposição usado será o de exposição oral acompanhada do uso de slides em que os tópicos do minicurso estarão expostos e as passagens centrais do diálogo estarão citadas. No mais, uma tradução do diálogo feita por mim será previamente enviada a todos(as) os(as) inscritos(as).

Vinte anos da Lei 10.639/03, a desobediência epistêmica como desafio para o Ensino de Filosofia: Quem pode pensar? Quem pode falar? Quem pode existir?

Com Marinês Barbosa de Oliveira/GT Filosofar e Ensinar a Filosofar

Duração: 6 horas

Dias e horários: 1 e 2/10; 14h às 17h

Local: Unicap

Minibio: Licenciada em Filosofia (UFMG), Bacharel em Direito (UESA), Mestre em Educação (UNICAMP), Doutoranda em Filosofia (UFABC), Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros(as) - ABPN, Coordenadora do NEAB - CEFET/MG/Campus Curvelo.

Ementa:

Este mini curso visa explorar os impactos e desafios da Lei 10.639/03 no ensino de filosofia, abordando a desobediência epistêmica como um princípio educativo-filosófico antirracista. O foco será a problematização sobre quem tem o direito de exercer o pensamento, quem possui a prerrogativa de expressão e quem é contemplado com espaços de existência nos contextos acadêmicos e escolares. Pretende-se proporcionar um espaço de reflexão sobre os desafios éticos, políticos e epistêmicos enfrentados pelos professores-filósofos, tanto em exercício quanto em formação, diante das demandas da legislação que instituiu a obrigatoriedade da Educação para as Relações Étnico-Raciais. O curso estimulará a reflexão crítica sobre o racismo epistêmico no currículo do ensino de Filosofia, a relação entre epistemicídio e alterocídio, e a tensão entre as Zonas do Ser e do Não-Ser. Além disso, promoverá o desenvolvimento de abordagens conceituais e metodológicas que considerem epistemologias alternativas à hegemônica e a desconstrução de paradigmas coloniais no Ensino de Filosofia.

Público-Alvo:

Professores de filosofia e estudantes de licenciatura.

Metodologia:

O mini curso será dividido em dois encontros de 3 horas cada, com exposições teóricas, discussões em grupo e atividades práticas.

Primeiro Encontro: História, Contexto e Desobediência Epistêmica

Duração: 3 horas

Conteúdo Programático:

1. A Lei 10.639/03: História e Impactos

- Breve histórico da Lei 10.639/03 e sua importância para a educação brasileira.
- Principais objetivos e mudanças propostas pela lei.
- Discussão sobre a implementação da lei nas escolas.

2. Desobediência Epistêmica

- Conceito de desobediência epistêmica e suas origens.
- A importância da desobediência epistêmica na filosofia e na educação.
- Exemplos de práticas de desobediência epistêmica no contexto educacional.

3. A Zona do Não-Ser de Frantz Fanon

- Introdução ao conceito de Zona do Não-Ser.
- Discussão sobre a desumanização e a marginalização dos sujeitos negros.
- Relação entre a Zona do Não-Ser e a desobediência epistêmica.

4. Atividade Prática: Análise de Textos

- Leitura e discussão de textos de autores que propõem epistemologias alternativas, como Enrique Dussel, Walter Dignolo, Frantz Fanon, e Achille Mbembe.
- Reflexão sobre como esses textos podem ser utilizados para enriquecer o ensino de filosofia nas escolas.

Segundo Encontro: Desafios e Perspectivas para o Ensino de Filosofia

Duração: 3 horas

Conteúdo Programático:

1. Quem Pode Pensar? Quem Pode Falar? Quem Pode Existir?

- Discussão sobre a exclusão e inclusão de vozes no currículo de filosofia.
- Reflexão sobre os privilégios epistêmicos e a marginalização de saberes.
- Debate sobre como a filosofia pode ser um instrumento de resistência e inclusão.

2. Alterocídio de Achille Mbembe

- Introdução ao conceito de Alterocídio.

- Discussão sobre a eliminação e negação do outro nas práticas coloniais e pós-coloniais.

- Relação entre Alterocídio e as práticas educacionais excludentes.

3. Desafios para o Ensino de Filosofia

- Identificação dos principais desafios enfrentados por educadores na implementação da Lei 10.639/03.

- Análise de casos reais e compartilhamento de experiências dos participantes.

- Propostas de estratégias pedagógicas para superar esses desafios.

4. Atividade Prática: Planejamento de Aula

- Desenvolvimento de planos de aula que incluam conteúdos relacionados às culturas afro-brasileiras e africanas.

- Troca de ideias e feedback entre os participantes para aprimoramento dos planos.

5. Encerramento e Reflexões Finais

- Síntese dos principais pontos discutidos ao longo do curso.

- Reflexão conjunta sobre os próximos passos para a promoção de uma educação inclusiva e crítica.

- Avaliação do mini curso pelos participantes.

Avaliação:

A avaliação será feita de forma contínua, considerando a participação ativa nas discussões e atividades práticas. Ao final do curso, os participantes serão convidados a preencher um formulário de feedback para melhorar futuras edições do mini curso